

CIRM visita laboratórios na UnB

Estudos sobre vegetação do Instituto de Ciências Biológicas recebem apoio da CIRM para investigação da origem de musgos e líquens na região da Ilha da Trindade e Antártica



Membros da CIRM conhecem os laboratórios onde são analisadas e armazenadas espécies coletadas nas pesquisas

Foto: Júlio Minasi/Secom UnB

Representantes da Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar da Marinha do Brasil visitaram, no dia 27 de maio, o Departamento de Botânica do Instituto de Ciências Biológicas (IB), na Universidade de Brasília. Durante o encontro, o Secretário da CIRM, Contra-Almirante Marcos Borges Sertã e o Subsecretário para o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), Capitão de Fragata Paulo César Galdino, conheceram os projetos científicos do departamento realizados na Antártica e na Ilha da Trindade.

Entre as instituições que integram o PROANTAR, a UnB é a única do Centro-Oeste que coordena atividades científicas na região da Antártica. Coordenador do Laboratório de Criptógamas do Departamento de Botânica, o professor Paulo Câmara está

à frente dos projetos da Universidade, cujos principais interesses são conhecer melhor a vegetação dessas duas áreas e maneiras de preservar as espécies locais. Ele acompanhou a visita e apresentou os laboratórios onde são realizadas as análises das amostras coletadas.

Para a realização das pesquisas, além do financiamento via CNPq, os cientistas contam com o apoio operacional e logístico da Marinha do Brasil, na condução das expedições. Para o Almirante Sertã, conhecer a continuidade das pesquisas coordenadas pela CIRM nos laboratórios da UnB significa criar um vínculo mais próximo entre Marinha e pesquisadores. “É importante que possamos compreender os trabalhos que apoiamos. O PROANTAR existe para os pesquisadores e nós estamos aqui para apoiá-los”, declara.

PESQUISAS

Há cinco anos, equipes de pesquisadores da Universidade são enviadas para a Ilha da Trindade, área isolada em meio ao Oceano Atlântico pertencente ao Brasil, com o intuito de investigar de que maneira espécies vegetais, como os musgos, passaram a povoar a região. “Usando o DNA, podemos saber exatamente de onde essas plantas saem para chegar à Ilha, que espécies são as primeiras colonizadoras e de que maneira essa vegetação começa a se recuperar. As pesquisas ajudam-nos a entender melhor que áreas preservar nos continentes próximos para conservar o fluxo gênico da Ilha”, explica Paulo Câmara.

O grupo de cientistas, composto por dois professores do IB, alunos da iniciação científica e do Programa de Pós-graduação

em Botânica, tenta ainda desvendar a relação entre algumas espécies de musgos e líquens da região da Antártica semelhantes às encontradas no Ártico. A partir de características em comum verificadas, o foco das descobertas é confirmar se realmente há a ocorrência das mesmas plantas nos dois polos, investigar a origem e como chegaram à Antártica. Para solucionar a questão, nos últimos três anos materiais têm sido coletados no Polo Sul e encaminhados para análise morfológica e do DNA nos laboratórios do Departamento de Botânica. Uma das hipóteses levantadas é de que essas espécies tenham sido transportadas de uma região para outra por meio de correntes de ar ou pela migração de aves que carregam o material. “Algumas espécies podem estar lá antes da deriva continental e podem ter sobrevivido à última Glaciação Antártica”, supõe Câmara.

Dentre as 11 espécies investigadas no projeto, a mestrande do Programa de Pós-Graduação em Botânica, Amanda dos Santos Lima Marinho, estuda o musgo denominado *Polytrichum piliferum*. Na pesquisa, confirmou que há ocorrência da espécie na Antártica e no Ártico. A próxima etapa é compreender a distribuição nos ecossistemas. Amanda reconhece a importância do projeto para o maior conhecimento do planeta e as formas de preservação de sua biodiversidade. “Conhecer essas espécies e descobrir como chegam lá, ajuda a contar a história do continente antártico e a descobrir quais os impactos o aquecimento global terá na região”, afirma. A previsão é que o projeto prossiga até o ano que vem.

PROANTAR

Em 1982, o Brasil deu início às atividades do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), por meio do qual o País começou as explorações científicas no continente e teve a oportunidade de se destacar no cenário científico internacional, com pesquisas relevantes sobre o monitoramento e investigação dos fenômenos climáticos e ambientais da Antártica, o que nos credencia a permanecer como Membro Consultivo do tratado da Antártica.

A CIRM é a responsável pela execução das pesquisas, por meio de expedições científicas, a bordo dos navios da Marinha do Brasil, em acampamentos lançados a partir desses Navios e pela permanência dos pesquisadores brasileiros na Estação Antártica Comandante Ferraz.



Coleta na Antártica



E na Ilha da Trindade



Laboratório de Criptógamas do Departamento de Botânica da UnB